

DESAFIOS DE AUXILIAR JOVENS DO ENSINO MÉDIO: RELATO SOBRE EXPERIÊNCIA COM ANÁLISES LINGUÍSTICAS DENTRO DO ÂMBITO ESCOLAR

Reginaldo Ribeiro Batista Filho¹

INTRODUÇÃO

O objetivo desta narrativa é apresentar meu relato de experiência durante um período de intervenção pedagógica com foco em análises linguísticas. Essa intervenção teve início após a formalização com a coordenação e a direção da instituição². Nessa perspectiva, como graduando do curso de Letras - Licenciatura, fui designado pela Universidade Federal de Ouro Preto para atuar como estagiário com foco em análise linguística em uma escola estadual no interior de Minas Gerais.

A escola se mostrou bem organizada, oferecendo um ambiente agradável, com espaços verdes, banheiros amplos e uma biblioteca espaçosa, disponível para os alunos durante todo o horário escolar. As refeições eram variadas e adequadas tanto para alunos quanto para professores, e a sala dos professores era equipada com banheiro e ar-condicionado. Contudo, nem tudo era positivo: havia uma discrepância significativa no tamanho das salas de aula, com algumas superlotadas e outras com poucos alunos. A cantina também era pequena, e a quadra de esportes ficava inacessível aos alunos durante o recreio, o que limitava o uso dos espaços de lazer.

No aspecto pessoal, a professora supervisora escolhida para trabalhar comigo foi extremamente acolhedora e receptiva às minhas ideias, mostrando-se flexível quanto aos horários e sugerindo que o trabalho fosse realizado com uma

1 Contato: reginaldo.filho@aluno.edu.ufop.br.

2 Fui orientado pelo departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto a não revelar o nome da escola citada.

turma de terceiro ano do ensino médio, em linha com minhas disponibilidades e a temática do projeto proposto a partir de dias de observação dentro da sala de aula. Sendo assim, o projeto de intervenção pedagógica determinado foi uma oficina de elaboração de redações do Exame Nacional do Ensino Médio, já que os estudantes estavam próximos da realização do exame e ainda tinham dúvidas. A orientação sobre como lidar com os alunos e tratar a intervenção foi enriquecedora, marcada por uma abordagem organizada e profissional, integrando diversas áreas da língua portuguesa. A professora me conduziu a acompanhar de perto o ritmo escolar, tanto nas aulas semanais quanto nas etapas finais do ano letivo, ocorridas em novembro de 2023.

ATIVIDADES REALIZADAS DENTRO DO CAMPO ESTUDANTIL

Minha entrada no campo da escola foi tranquila, facilitada pela indicação de uma amiga que já estava realizando residência pedagógica na escola. Após essa indicação, entrei em contato com a professora responsável, que me recebeu de forma acolhedora e me convidou para uma conversa durante um horário vago na escola. Antes de iniciar oficialmente, foi necessário entender o ambiente escolar: observei a turma com a qual trabalharia, analisei os livros disponíveis na biblioteca, conversei com os funcionários e coletei as assinaturas necessárias para formalizar a intervenção pedagógica, tanto do diretor quanto do coordenador pedagógico.

Nos primeiros dias, senti-me um pouco deslocado nas salas de aula, agindo mais como um observador. Porém, à medida que os dias passavam, fui me tornando mais participativo, tanto com a professora quanto com os alunos, e percebi que eles começaram a criar uma identificação comigo. Considero a primeira semana crucial, pois é o momento em que se constrói a imagem que você vai deixar aos alunos e à professora com quem colaborou. Mostrei-me sempre disposto a ajudar, o que me permitiu ganhar a confiança da professora para auxiliar no ensino.

A turma que acompanhei tinha algumas dificuldades, mas também características positivas. Havia problemas com algumas questões gramaticais e com a falta de um livro didático para cada aluno, o que os obrigava a compartilhar os livros disponíveis durante as aulas. Felizmente, para a realização das atividades, os alunos conseguiam acessar PDFs que a professora disponibilizava em um grupo de WhatsApp organizado pela turma.

Os alunos, em geral, eram jovens assíduos e dispostos a participar das leituras em sala. Eles faziam as atividades para receber os vistos e contribuía nas correções do livro didático. No entanto, havia desafios em relação à análise linguística, com questões que deveriam ter sido resolvidas ao longo dos anos escolares. Em um período curto como o que eu tinha, senti certa impotência para ajudar a todos da maneira que gostaria.

Durante as conversas com a turma, percebi uma baixa expectativa em relação à continuidade dos estudos, especialmente quando comparada ao interesse pelo mercado de trabalho, ENEM e outras opções pós-escola. Isso ficou evidente, por exemplo, quando apenas cinco dos trinta alunos se inscreveram para o Exame Nacional do Ensino Médio. Essa falta de interesse também se refletia nas provas diagnósticas do governo, que muitos estudantes preenchiam de forma superficial, respondendo apenas o gabarito. Além disso, o tempo disponível para as avaliações era curto, o que gerava procrastinação por parte dos alunos desinteressados, e tensão naqueles que mais se dedicavam.

Os problemas identificados, no entanto, não podem ser atribuídos à professora, mas sim a uma estrutura escolar ultrapassada e às novas diretrizes do ensino médio. Os alunos, muitos dos quais trabalhavam e tinham afazeres antes e depois das aulas, se queixavam do cansaço causado pela longa jornada diária. Com apenas três aulas de português por semana, a professora fazia o possível para oferecer um ensino coeso que abarcasse tanto a literatura quanto os aspectos gramaticais, apesar de lidar com várias turmas e disciplinas.

Para guiar minha prática pedagógica, utilizei a teoria construtivista de Piaget do texto “Construtivismo: De Piaget A Emília Ferreiro” (Azenha, 2006) como referencial, buscando promover um ambiente de aprendizado em que os alunos pudessem construir ativamente o conhecimento, relacionando-o às suas próprias experiências. Além disso, tomei como base o texto "Ensino Gramatical: Uma Autópsia", de Mike Dillinger (1995), que critica abordagens tradicionais de ensino gramatical, o que me ajudou a refletir sobre a necessidade de metodologias mais contextualizadas e significativas.

A professora foi muito aberta à minha participação, permitindo que eu lecionasse e desenvolvesse uma boa conexão com os alunos. Ela sugeriu que eu conduzisse uma "minioficina" de redação do ENEM. Nessa perspectiva, eu comecei os trabalhos com uma atividade do livro didático “Multiversos - Linguagens: No Mundo Do Trabalho” (Campos; Oda; Carvalho; 2020) intitulada "Eu devia estar contente", baseada na HQ "Terapia", que abordava reflexões sobre a vida do personagem principal e a necessidade de se manter a saúde mental estável. Em seguida, reservei duas aulas para conversas abertas com os alunos, nas quais discutimos suas vidas, perspectivas e questões de saúde mental. Essas trocas foram extremamente enriquecedoras, principalmente quando abordamos temas como universidade, mundo do trabalho e sexualidade.

A partir dessas discussões, propus que os alunos escrevessem uma redação dissertativo-argumentativa sobre o tema "Saúde Mental no Brasil: Desafios e Soluções". Na escrita, eles deveriam discutir como o tema é tratado no país, sugerindo intervenções para os problemas identificados. Por fim, na devolutiva das redações, abordei alguns principais problemas linguísticos e gramaticais como acentuação, coerência, coesão, pontuação e mostrei os critérios de avaliação do ENEM, com o objetivo de familiarizar os alunos do terceiro ano com o processo de correção das redações. A partir disso, foi ficando mais claro para os estudantes o formato de um texto dissertativo argumentativo, qual seria seu objetivo e como perceber algumas demandas gramaticais durante suas escritas.

ATIVIDADES REALIZADAS FORA DO CAMPO ESTUDANTIL

Além das atividades mencionadas acima, atuei como estagiário também fora do campo estudantil. Para o projeto de intervenção, o professor orientador da UFOP foi muito paciente e acolhedor com os estagiários que estavam fazendo seus projetos em diferentes escolas, além de compreensivo ao lidar com os problemas individuais de cada graduando. Durante as aulas, ele ofereceu indicações teóricas necessárias que me abriram os olhos para a ampla variedade de temáticas que podem ser exploradas na análise linguística. No decorrer dos processos já citados, atuei também como professor do projeto de extensão “Língua Portuguesa: Lacunas Nossas de Todo Texto” oferecido pelo Laboratório de Linguagens da UFOP. Fui orientado pela Profa. Eliane Mourão a dar aulas de acentuação para a comunidade da cidade dentro da Universidade, sendo assim, meu catálogo de experiências se estendeu e pude ver as diferenças entre desenvolver um projeto dentro de uma escola e outro com pessoas que já saíram do âmbito escola a algum tempo.

Em casa, fiquei encarregado de revisar as diversas redações elaboradas pelos alunos da escola. Essa tarefa foi fundamental para que eu pudesse vislumbrar os desafios que enfrentarei no futuro como professor, como a identificação de erros graves na elaboração de redações e o uso de ferramentas como o Chat GPT, um recurso *online* que cria questões e textos conforme solicitado pelo usuário. Em contraponto, no projeto de extensão citado, desenvolvemos uma apostila e com os alunos fazíamos atividades exclusivamente dentro de sala de aula, com uma turma menor do que a da escola, era possível ter uma maior atenção individual para cada aluno e evitava de que eles recorressem a *sites* de inteligência artificial.

Essa combinação foi essencial para entender a complexidade das diferenças entre turmas, recursos disponíveis, dúvidas e adequações que a educação exige dos estudantes em diferentes contextos educacionais, sejam eles em uma escola estadual ou em uma instituição de ensino superior.

AUTOAVALIAÇÃO

Considero que minha participação nesse período de intervenção foi bastante enriquecedora, não apenas para mim, mas também para as pessoas com quem convivi. Sinto que minha vontade de lecionar cresceu ainda mais em comparação aos primeiros projetos que realizei, pois, desde o início do curso, esse era o momento que eu mais aguardava. Ter a oportunidade de transmitir conhecimento para pessoas de diferentes idades é algo profundamente edificante e gratificante. Felizmente, consegui realizar isso de duas formas durante esse período: na intervenção supervisionada e no projeto de extensão com o qual me envolvi, que buscava solucionar problemas de acentuação.

No campo educacional, me coloquei à disposição para ajudar a professora em todos os aspectos. Elaborei atividades, corriji e auxiliei na aplicação de provas, o que me permitiu não apenas contribuir com o trabalho da professora, mas também ganhar experiência direta na área. As aulas em que precisei substituir a professora, devido à ausência de outros profissionais em determinados dias, foram particularmente enriquecedoras para minha coleção de experiências.

A professora do campo estudantil tinha uma carga de trabalho bastante pesada devido às diversas turmas que atendia, o que me proporcionou um tempo valioso com os alunos, que desenvolveram confiança em mim no papel de professor. Isso me permitiu ministrar aulas de forma orgânica e organizada. Sendo assim, além de colaborar no aspecto temporal, acredito que contribuí com a educadora em alguns pontos sobre como lidar com alunos de uma geração mais nova. Através dos meus conhecimentos, pude colaborar com métodos de ensino gramatical e com a introdução de novas tecnologias.

Também recebi e troquei dicas com meus colegas de disciplina por meio de seus depoimentos e propostas de intervenções diferenciadas. Assim, sinto que essa experiência compartilhada serve para que todos nós possamos construir em conjunto novas ações que podem ser adotadas no futuro da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta experiência de projeto de intervenção são bastante positivas. Sinto-me preparado para a próxima etapa, pois estabeleci uma conexão significativa com os alunos, que demonstraram pesar com a minha despedida das salas de aula. Espero que muitos tenham vivenciado novas experiências e que continuem trilhando seus caminhos na educação. A abordagem da análise linguística em sala de aula mostrou que é necessário um grande esforço dos profissionais para que as diretrizes sejam efetivamente implementadas nas escolas. No entanto, a experiência foi enriquecedora, pois a orientação recebida permitiu-me desenvolver uma conexão produtiva com os alunos durante a minioficina de redação do ENEM.

Observando o ambiente escolar, percebo certa complexidade, especialmente pela falta de colaboração entre os professores e pedagogos, que frequentemente trabalham de maneira isolada. Essa situação poderia ser revista, uma vez que os alunos também mostram pouca coesão e tendem a se dividir em grupos.

Além disso, o espaço recreativo da escola poderia ser mais bem aproveitado. As aulas são rigidamente concentradas nas salas, o que contribui para um certo "tédio" ao longo dos sete períodos diários. Por fim, embora a área da educação enfrente vários desafios, existem diversas formas de motivação para formar novos profissionais e pesquisadores. Incentivar os alunos a continuarem seus estudos é essencial, pois é através da educação que a sociedade avança e se desenvolve em seus diversos setores.

REFERÊNCIAS

AZENHA, Maria Graça. **CONSTRUTIVISMO: De Piaget A Emília Ferreiro**. 8. ed. SÃO PAULO: Ática, 2006.

CAMPOS, Maria Tereza. ODA, Lucas. CARVALHO, Inaê. GAZZETA, Rodolfo. **Multiversos - Linguagens: No Mundo Do Trabalho**. São Paulo. Editora: FDT, 1 de Janeiro, 2020.

DILLINGER, Mike. **Ensino Gramatical: Uma Autópsia**. Belo Horizonte: UFMG, 1995. v. 1.